

Homenagens

Jayro José Xavier*

De meus colegas professores do Instituto de Letras da UFF dois se notabilizaram como tradutores de textos literários: Paulo Bezerra e Jorge Wanderley, ambos nordestinos, aquele da Paraíba, este pernambucano. O primeiro -- obra farta, vários prêmios importantes -- dispensa apresentações. Discípulo de Boris Schnaiderman na PUC, é já sobejamente conhecido em todo o país por suas traduções, sobretudo da literatura russa, Dostoievski especialmente. Hoje na casa dos 80, continua em plena atividade.

O segundo não teve a mesma sorte. Pegou-nos de surpresa aos 61 anos, quando infartou, em 1999, no Recife. Traduzia sobretudo do inglês e do italiano. Poesia era o seu forte, poeta que também era. Morreu quando realizava seu projeto mais ambicioso: a tradução da “Comedia”, dita divina, de Dante. Da última vez que nos vimos, estava mergulhado na da “Vita Nuova”, onde os poemas de amor do genial florentino. Do inglês traduziu Shakespeare, Bukowski e diversos outros. Sua “Antologia da nova poesia norte-americana” (Rio: Ed. Civilização Brasileira, 1992) reúne, num volume de quase 300 páginas, nada menos de 42 poetas. Dentre eles, Whitman, Emily Dickinson, Pound, Wallace Stevens, William Carlos Williams, Sylvia Plath, Allen Ginsberg, para citar apenas alguns dos mais conhecidos. A edição, importa dizer, é bilíngue.

Entre os escolhidos, destaca-se W. H. Auden (1907-1973). E não sem razão. Jorge Wanderley nos adianta que ele figura -- ao lado de Eliot, Pound e Yeats -- na galeria do que de melhor nos deu a rica poesia norte-americana do século XX. Além de poeta, Auden destacou-se ainda como ensaísta e tradutor. E também como ativista político. Atuou na Guerra Civil Espanhola, ao lado dos republicanos, que nem George Orwell, Hemingway, Simone Weil e tantos outros voluntários estrangeiros.

Dessa experiência de guerra Hemingway nos deixou um romance: “Por quem os sinos dobram”. Dessa mesma experiência resulta, provavelmente, o poema “O what is that sound”, de Auden. Ou: “Oh, que som é este?” – na primorosa versão de JW, que dele

preserva, até o limite do possível, rimas e ritmo. E o mais difícil de tudo: a intensidade emocional que percorre num crescendo todo o poema, até o último de seus nove quartetos. Confira. Ao longo dos oito primeiros, um casal de amantes dialoga, no alto de uma colina, observando soldados que surgem e fazem manobras no fundo do vale. A mulher, a cada passo, mais e mais apreensiva; o homem buscando acalmá-la, enquanto a tropa se desloca. Já no último, ouve-se apenas uma voz.

Quem tiver coração (haja coração!) pode dar prosseguimento à leitura, após o silêncio do poeta.

OH, QUE SOM É ESTE?

Oh, que som é este, que faz vibrar o ouvido,
Lá embaixo no vale, rufando, rufando?
São apenas os soldados escarlates, querida,
Os soldados chegando.
Oh, que claridade é esta, aparecida
Lá longe, luzente, luzente?
É apenas o sol batendo em suas armas, querida,
Enquanto avançam, lentamente.
Oh, que fazem com equipamento tão sortido
Que fazem neste dia, neste dia?
São manobras de rotina, querida,
Ou então algo se anuncia.
Oh, por que deixam a estrada seguida
E agora estão correndo, correndo?
Deve ser uma mudança de ordens, querida,
Por que você está tremendo?
Oh, na certa procuram o médico, vão cessar a corrida;
Não frearam seus cavalos, seus cavalos?
Não vejo ninguém ferido, querida,
Não que eu possa observá-lo.
Oh, então querem o padre, a cabeleira embranquecida;

É o padre, será, será?
Não, já ultrapassaram sua porta, querida,
E não pararam por lá.
Oh, então vão à casa do fazendeiro, que vem logo em seguida;
Não é o fazendeiro, que é tão inteligente, tão inteligente?
Não, já passaram a fazenda, querida,
E estão correndo velozmente.
Oh, aonde vai você? Não me deixe desvalida!
Suas juras eram para me iludir, me iludir?
Não, eu prometi amar você, querida,
Mas agora preciso ir.
Oh, quebrou-se a fechadura, a porta arreventada,
E é aqui que estão entrando, estão entrando.
São duras suas botas, são pesadas
E seus olhos vêm brilhando.

(Produzido em 08/11/2021)

* **Jayro José Xavier** Poeta e Professor. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, em 1936. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, lecionou Língua Portuguesa na UFF, por 30 anos, hoje aposentado. Principal obra poética publicada: Idade do Urânio (Cátedra, 1974), Enquanto vivemos (Achiamé, 1981), Estória de uma vaquinha (Globo, 1987). Ganhou o prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte em 1988, com o livro Ulysses: canto para ajudar um menino a atravessar a noite (Melhoramentos, 1988). Poemas (Edição do Autor, 2007).

Recebimento: 10 de julho de 2020.

Aprovação: 10 de agosto de 2020.